

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA EM QUILOMBOS: UMA PERSPECTIVA PARA O (AFRO)TURISMO NA NATUREZA

Rariel dos Santos Cruz¹
Natália Araújo de Oliveira²

Resumo: O Turismo de Base Comunitária em quilombos é uma alternativa de geração de renda para estas comunidades tradicionais. Este artigo abordará particularidades de duas comunidades diferentes, sendo elas o Engenho Il localizado no Território Kalunga em Cavalcante/GO e o Quilombo da Fazenda em Ubatuba/SP. Esta é uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo no qual foram levantados dados bibliográficos e documentais sobre o tema e comunidades abordadas, que se amparou em definições de Turismo na Natureza, Ecoturismo e Turismo de Base Comunitária a fim de refletir sobre a perspectiva de Afroturismo na natureza. Por fim, couberam reflexões de como o afroturismo precisa ser melhor estudado, a fim de compreender a sua amplitude e a relação de pessoas negras com o turismo. Em suma, as atividades turísticas nessas comunidades proporcionam relações socioculturais, econômicas e pedagógicas para a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Afroturismo; Turismo de Base Comunitária; Turismo em Quilombos; Turismo na Natureza.

INTRODUÇÃO

O Turismo é um fenômeno social que vem se desenvolvendo e se destacando com o passar das décadas e, devido a sua amplitude, encontra-se fragmentado em diversos segmentos. O Turismo em Quilombos está categorizado no segmento de Turismo de Base Comunitária, que possui diferentes definições, como um método de desenvolvimento turístico que se concentra em recursos endógenos de um território. Ou seja, a comunidade local é protagonista na gestão dos recursos humanos, naturais e de infraestrutura para execução da atividade turística.

Essa prática pode abranger comunidades tradicionais indígenas, ribeirinhas, quilombolas etc. A partir de Coriolano (2008), pode-se compreender o Turismo Comunitário ou de Base Comunitária também como uma estratégia econômica que se constroi a partir da organização e controle local dos meios produtivos, territoriais e operacionais associados à oferta turística em determinada comunidade.

Este artigo abordará, em específico, o Turismo em Quilombos como uma perspectiva para o (Afro)turismo na Natureza, no qual também não há uma definição única, pois turismo na natureza aborda diversos segmentos como o Turismo Rural, Ecoturismo, Turismo de Aventura etc (MARTINS; SILVA 2019). Entretanto, há uma relação em comum entre estes segmentos – o espaço “Natureza”.

¹ Mestrando em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí - rarielcruz03@gmail.com

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - oliveira.natalia@outlook.com

O afroturismo é um segmento de viagens pouco explorado no setor turístico e na academia. Contudo, o segmento possui uma abordagem histórico-cultural que se relaciona diretamente com pessoas negras e suas origens, que justifica a necessidade de versar sobre a importância deste segmento e sua abrangência Oliveira (2020, p.313). E a partir desta perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo apresentar o Turismo nas Comunidades Quilombolas Engenho II, localizada no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga na região de Cavalcante/GO e na Comunidade Quilombo da Fazenda, localizada no Parque Estadual da Serra do Mar em Ubatuba/SP, a fim de refletir sobre o afroturismo na natureza. E para tal, realizou-se uma pesquisa exploratória bibliográfica e documental sobre os referidos territórios.

Os tópicos seguintes estão divididos entre referencial teórico, metodologia, resultados, implicações prática/teóricas e considerações finais que através de dados bibliográficos e documentais versam sobre o turismo nessas comunidades, que possuem formas de vida distintas, principalmente pela região onde estão localizadas. Nos resultados e discussões, as atividades turísticas destacadas desenvolvidas tanto no Engenho II quanto no Quilombo da Fazenda estão de acordo com os dados trabalhados neste estudo sobre Turismo de Base Comunitária Coriolano(2008);Orgaz(2013), Turismo na Natureza e Ecoturismo Galvão (2004), no qual se relacionam-se intimamente com o Afroturismo que envolve o ato de viajar com objetivo de (re)conhecer, valorizar e identificar a cultura negra, Oliveira(2020);Rodrigues(2021). De modo geral, as reflexões sobre o afroturismo em quilombos são complexas e carecem de atenção assídua, pois implicam em valores imateriais e filosóficos para o visitante, podendo contribuir em sua formação sociocultural e pedagógica e também no desenvolvimento econômico de cada comunidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Turismo de Base Comunitária é uma segmentação que vem se destacando não somente no Brasil, mas na América Latina como um todo. Cabanilla (2018) aborda uma variedade de conceitos e definições atribuídas ao Turismo Comunitário entre os anos de 1989 a 2011. Para Orgaz (2013, p.9), o turismo comunitário se projeta de forma sustentável, buscando melhorar o desenvolvimento socioeconômico da população e incentivar a conservação dos recursos naturais, patrimoniais e culturais da comunidade(tradução do autor).

De acordo com Martins e Silva (2019), o turismo na natureza abrange diversas atividades e entendimentos sobre a sua prática, trazendo alguns conceitos como o de Galvão (2004, p.18) ao relacionar a prática do turismo na natureza como qualquer atividade realizada em meio à natureza, não necessariamente envolvendo-se com questões de preservação e conservação do meio ambiente.

Diferentemente do Ecoturismo, que, ainda no entendimento de Galvão (2004, p.19) “é uma forma de turismo responsável, que, praticado em meio à natureza, pretende apreender o funcionamento dessa natureza e os seus limites e, assim, contribuir para sua preservação[...]”. E por meio dos referenciais supracitados, torna-se compreensível que o Turismo na Natureza pode ser praticado em diversos ambientes, inclusive, em quilombos.

A motivação para visitar um quilombo se intersecciona com diversas áreas do conhecimento, na grande área das Humanidades e Ciências Sociais bem como a Geografia, História, Antropologia e as Ciências Sociais Aplicadas, tal qual, o Turismo. Porém, antes de adentrarmos nas reflexões sobre o (Afro)turismo nestes locais, é importante entender o histórico do que compreendemos como Comunidades Quilombolas atualmente.

Nascimento(2018) argumenta a trajetória histórica de *Quilombo* enquanto instituições africanas e brasileiras. A priori, o artigo não se aprofundará na historiografia dos quilombos. Porém, faz-se necessário compreender o que os tornam tão relevantes para o debate. Para a autora (2018, p.282), “de um modo geral define-se Quilombo como se em todo tempo de sua história fossem aldeias do tipo que existia na África, onde os negros se refugiavam pra ‘curtir seu banzo’ ”.

Nascimento(2018), em seus estudos apresenta uma cronologia entre as formações de *kilombos* em Angola e no Brasil de acordo com as realidades da época, no qual essas sociedades recebem diversos significados como instituições em si, sendo os indivíduos o próprio *kilombo*, em referência a sociedade africana Imbangala ainda no século XVI.

Em síntese, as formações quilombolas, tanto no Brasil quanto no Continente Africano, não são homogêneas, tampouco reduzidas ao pressuposto da fuga e/ou da resistência (CARMO, 2020). Os estudos de Nascimento(2018) em 1985 dialogam contemporaneamente com Almeida(2011 p.43) ao referir-se ao território Kalunga como “uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra e, ao mesmo tempo, constroi sua identidade cultural”. Tal qual o Quilombo da

Fazenda, no contexto abordado por Paravati(2017 p.293-294) quanto às vivências e ensinamentos dos mais velhos nos momentos de produção alimentícia.

Agora, retomando ao tema principal, a produção científica brasileira já possui debates sobre o Turismo em quilombos, bem como Almeida (2011) que contribui para o entendimento e complexidade desta atividade, em especial ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga situado no nordeste de Goiás. A Comunidade Kalunga é o maior Território Quilombola demarcado no Brasil (253,2 mil hectares) e está localizado no bioma Cerrado (Lei Complementar do Estado de Goiás nº 19, de 05 de janeiro de 1996).

O desenvolvimento do Turismo no Território Kalunga se destaca com o envolvimento da Comunidade do Engenho II na região de Cavalcante/GO. Almeida (2010, p. 57) aborda que “a Comunidade Engenho II atrai e oferece novas ofertas de caráter cultural, lúdico e recreativo aos visitantes: a paisagem cultural, a gastronomia, os atrativos naturais com as visitas às cachoeiras, aos rios, além do percurso até as cachoeiras”.

Moreira e Almeida (2013) abordam o Turismo Rural na região, e a elucidação das autoras na perspectiva rural relaciona-se também com a atividade turística em ambiente natural, pois, para elas

O meio rural adquiriu o valor de lugar turístico por responder a uma demanda contínua de turistas interessados em suas cachoeiras, trilhas, serras e práticas culturais[...]No Engenho II, a motivação pela busca do turismo se dá pela extensa área natural e pelas práticas culturais da população local.(MOREIRA; ALMEIDA, 2013, p.714).

Apesar das autoras abordarem em seus estudos o Turismo Rural no Engenho II, percebe-se que a região dispõe de outros elementos naturais que motivam o deslocamento de pessoas até a comunidade, não necessariamente pela atividade rural. Por isso as contribuições de Galvão (2004) sobre o Turismo na Natureza e o Ecoturismo se aplicam melhor a este estudo, tanto para o Engenho II quanto para o Quilombo da Fazenda que será apresentado a seguir.

O Quilombo da Fazenda está localizado em meio a Mata Atlântica e se destaca por sua culinária local, um símbolo de sua cultura quilombola e ancestralidade. Paravati (2017) versa sobre a comunicação oral dos saberes quilombolas da comunidade através da alimentação, e para o autor

A cultura alimentar sempre foi transmitida, de maneira geral, na comunidade quilombola da Fazenda pela oralidade. A conversa entre os familiares nas noites frias próximas ao fogão de lenha, o cotidiano das mães no preparo das refeições,

rodeada pelos filhos menores, e assistida pelos filhos maiores nas tarefas da casa; a lida na roça para cultivar os gêneros alimentícios; a caça de pequenas presas para enriquecer o almoço ou jantar, fazem parte das lembranças dos entrevistados (PARAVATI, 2017 p.293-294).

A relação da gastronomia com a identidade cultural também é estudada por Oliveira (2021) ao abordar a relação ancestral de pessoas negras com a gastronomia, e para a autora

Desde que a gastronomia passou a ser investigada como campo de conhecimento se percebeu que o alimentar-se não é apenas um instinto de sobrevivência, sendo a comida um elemento cultural com uma narrativa própria, que conta uma história e que marca um tempo” (OLIVEIRA, 2021 p.103).

Direcionar o olhar para esta particularidade culinária do Quilombo da Fazenda enriquece as reflexões sobre este território e suas contribuições com a diversidade cultural do Brasil. O Quilombo da Fazenda narra a sua história através da cozinha, e é importante destacar esse elemento para que a diversidade cultural quilombola e seus impactos na construção identitária de um povo sejam melhor compreendidos.

Logo, tal diversidade é composta por diversos aspectos, como a culinária, a história, os hábitos, a cultura e as memórias que refletem na sensação de pertencimento e/ou reconhecimento individual ou coletivo a determinado grupo (OLIVEIRA, 2021 p.111).

E a partir dessas explanações, torna-se compreensível que as particularidades aqui abordadas, tanto da Comunidade Kalunga Engenho II, quanto do Quilombo da Fazenda, são fundamentais para o reconhecimento histórico da identidade negra brasileira e suas diferentes formas de existência. Também, é importante destacar que ambos quilombos não estão restritos a estas características. Porém, o estudo limitou-se a estes aspectos em busca de reflexões sobre essas comunidades e suas relações com o afroturismo.

O Afroturismo é um termo pouco explorado na academia e ainda encontra-se sub-categorizado dentro de uma vertente do turismo cultural - o turismo-étnico - que ainda de acordo com Brasil (2006, p.17-18) “constitui-se das atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos [...]” no qual “esse tipo de turismo envolve as comunidades representativas dos processos imigratórios europeus e asiáticos, as comunidades indígenas, as

comunidades quilombolas e outros grupos sociais que preservam seus legados étnicos [...]”.

A busca por mais explicações sobre o afroturismo ainda é um desafio, principalmente devido a sua complexidade ainda pouco percebida pelos olhares da academia. Porém, ao debruçarmos na exploração deste fenômeno, algumas assimilações pairam sobre esses estudos. Diante disso, percebe-se que a construção do afroturismo dialoga com fundamentos teóricos de filosofias ancestrais africanas como a Ubuntu, que é uma filosofia ancestral que se intersecciona com o pensar das dimensões do afroturismo. Pois, como explicitado por Negreiros (2019) o termo Ubuntu

[...]está relacionado à humanidade, cooperação, respeito, acolhimento, generosidade, existindo como um ethos comunitário, pois representa as ações que realizamos em sintonia com nós mesmos na busca do nosso bem estar e de todos à nossa volta, no sentido de alteridade, comunidade, espiritualidade, se relacionando com o passado e com o ciclo das existências futuras, portanto, com a ancestralidade(NEGREIROS, 2019, p.112).

É importante abordar essa perspectiva afro-filosófica ao referir-se ao afroturismo para refletir sobre os possíveis fundamentos que o envolve e a relação de pessoas negras com o turismo, em especial, em quilombos. Além disso, através dos estudos de Rodrigues (2021 p.97) e Oliveira (2020 p.308) compreende-se Afroturismo como o ato de viajar com objetivo de aprender, reviver, homenagear e vivenciar aspectos da história e cultura negra, seja em ambientes urbanos ou de natureza.

METODOLOGIA

O presente artigo desenvolve-se por meio de uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo no qual o levantamento de dados bibliográficos e documentais foram fundamentais para os processos de pesquisa. A pesquisa exploratória, de acordo com Gil (1989), tem como objetivo o aprimoramento de ideias com vistas a proporcionar maior familiaridade ao problema estudado, tornando-o mais explícito. Na maioria dos casos, explica o autor, pesquisas exploratórias envolvem levantamento bibliográfico.

Os dados apresentados têm como objetivo principal versar sobre o Turismo em Quilombos nas Comunidades Quilombolas Engenho II no Território Kalunga em Cavalcante/GO e Quilombo da Fazenda em Ubatuba/SP, amparada nas definições de Turismo de Base Comunitária Coriolano (2008);Orgaz (2013), Turismo na Natureza e

Ecoturismo de Galvão(2004). Tendo como objetivo específico refletir a perspectiva da prática do afroturismo na natureza.

A Comunidade Quilombola Engenho II é marco inicial da discussão devido ao seu desenvolvimento turístico em nível nacional por estar localizada no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga em Cavalcante/GO. E para tal, foi feito o levantamento bibliográfico e documental referente à relação desta Comunidade Kalunga com o turismo.

O Quilombo da Fazenda está localizado no Parque Estadual da Serra do Mar em Ubatuba/SP e para além do contexto histórico e sua relação com a natureza, o aspecto que o introduz ao objeto de pesquisa é a culinária ancestral quilombola característica da comunidade, não qual foram levantados dados bibliográficos e informações documentais no site do quilombo.

Durante o processo de pesquisa, alguns dados documentais foram identificados em ambientes externos ao acadêmico, bem como no site do Quilombo da Fazenda, do Complexo Turístico Kalunga e órgãos públicos. O documentário “De arrepiar! Veja como o turismo de base comunitária transformou um quilombo Kalunga”, também fez parte da documentação investigada e foi assistido através da plataforma YouTube.

No geral, as regiões escolhidas possuem as suas localizações como fator de ligação com o turismo na natureza, mas a pesquisa aborda características específicas das referidas comunidades quilombolas, a fim de demonstrar a diversidade destes locais e a aplicabilidade do afroturismo nestes ambientes de natureza.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

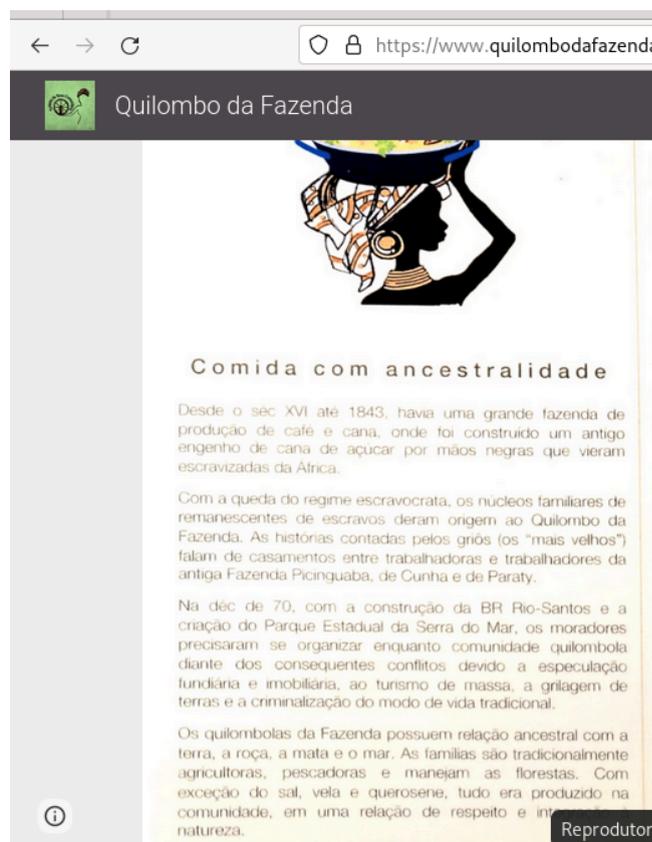
A partir desta investigação, este tópico abordará os elementos em destaque nas comunidades do Engenho II no Território Kalunga e na Comunidade Quilombo da Fazenda no interior de São Paulo e como o afroturismo se relaciona com estes espaços na natureza.

A comunidade do Engenho II destaca-se pelos atrativos naturais do cerrado e sua organização para execução de suas atividades turísticas. Contudo, vale ressaltar que antes de qualquer atividade turística, o Território Kalunga se constitui como um Sítio Histórico e Patrimônio Cultural, sendo este um local sagrado para aqueles que ali vivem. Também, cabe destacar que devido a biodiversidade existente na região, o turismo na natureza no Engenho II é uma atividade que envolve um maior número de visitantes(Almeida, 2010, p.57), não necessariamente com o intuito de ter contato com a

comunidade local, tampouco com a preservação do meio ambiente, como definido por Galvão (2003).

Quanto ao Quilombo da Fazenda, o seu site apresenta algumas informações sobre a comunidade bem como dois restaurantes com nome de “Sabores do Quilombo”, porém um fica na praia e outro na “Casa de Farinha” com cardápios elaborados pelos locais. Neste contexto gastronômico, destacamos o “Sabores do Quilombola” por caracterizar a ancestralidade e os saberes culinários da comunidade. Tanto no Restaurante da Casa de Farinha quanto no Restaurante da Praia são servidos pratos produzidos localmente com produtos predominantemente orgânicos e de vizinhança. No cardápio do site(figura 1), alguns pratos se destacam, bem como a salada quilombola feita no coração da bananeira, os sucos naturais com frutas agroecológicas e os pratos preparados com a folha de taioba, alimentos esses que simbolizam a ancestralidade culinária do Quilombo Fazenda(vide site do quilombo).

Figura 1: Cardápio do Restaurante Sabores do Quilombo



Fonte: Captura de tela no Site do Quilombo da Fazenda (2024)

Em sintonia com o depoimento apresentado por Paravati (2017), este cardápio revela pontualmente a importância da culinária para o Quilombo da Fazenda e como este

povo se relaciona com a natureza e os frutos da terra, relações estas que perpassam o alcance deste estudo direcionado ao contexto turístico.

Isto é, as atividades destacadas nestes quilombos ampliam os valores já atribuídos coletivamente aos seus aspectos culturais, no que tange o envolvimento de pessoas negras com a suas sabedorias ancestrais. Refletindo, simultaneamente, com os objetivos de viajar para (re)conhecer, valorizar e identificar culturas negras no Brasil.

Também, vale ressaltar que, apesar da estrutura e organização das duas comunidades para receber visitantes serem distintas, estes quilombos relacionam-se com os estudos de Nascimento (2018) e Carmo (2020) sobre as organizações negras em seus contextos sociais, identitários, político e econômico. Pois, apesar da modernidade como atrativo turístico, ambas comunidades quilombolas ainda são organizações políticas, sociais e de resistência negra no Brasil.

Portanto, a prática do Turismo em Quilombos em ambas as comunidades corroboram com os objetivos do turismo na natureza e ecoturismo de Galvão (2004), com o turismo de base comunitária definidos por Coriolano(2008);Orgaz(2013) e com o afroturismo abordados por Oliveira(2020);Rodrigues(2021), visto que as características históricas, paisagísticas e culturais tanto do Engenho Il quanto do Quilombo da Fazenda estão relacionadas com a ancestralidade e existência quilombola de cada região. Ora, se o turismo nos quilombos apresentados implicam direta ou indiretamente na identidade cultural da pessoa negra no Brasil, seria esta uma forma de praticar o afroturismo em ambientes na natureza?

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E/OU TEÓRICAS

Para além da relação de oferta e demanda, o afroturismo, tal qual o turismo em quilombos, apresenta uma complexidade ancestral que perpassa os construtos tradicionais do setor. Este estudo contribui com o turismo tanto em questões práticas como teóricas, pois ao mesmo tempo que aborda reflexões sobre a categoria, também contribui com o desenvolvimento socioeconômico no turismo. Visto que, apesar de não mencionado no presente trabalho, essa abordagem do afroturismo também envolve as agências e guias de turismo que cooperam com essas alternativas econômicas com as comunidades quilombolas.

O afroturismo é um tema recente na academia e no mercado turístico. A consolidação e aprofundamento nas pesquisas sobre o segmento carece de atenção não

somente acadêmica, mas também de órgãos oficiais de Governança do Turismo, bem como a iniciativa privada, incentivando política e financeiramente as comunidades quilombolas que oferecem ou desenvolvem projetos e/ou atividades turísticas afrocentradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De antemão, é importante lembrar que este estudo se limitou a características específicas de duas Comunidades Quilombolas diferentes no contexto turístico. Desta forma, o desenvolvimento do estudo conseguiu atingir os seus objetivos de versar sobre o Turismo em Quilombos nestas comunidades e refletir a perspectiva do afroturismo na natureza. Porém, houve dificuldades em conduzir o diálogo entre as comunidades escolhidas devido as suas diferenças e aspectos destacados. A relação entre as duas comunidades e seus territórios perpassam a atividade turística e demais especulações. O contexto no qual estes territórios foram se constituindo é particular de cada um, não sendo possível homogeneizá-los. De modo geral, dissertar sobre afroturismo e quilombos exige um envolvimento maior e mais complexo.

Por fim, constatou-se também a necessidade da academia aprofundar-se em estudos a fim de compreender a complexidade do afroturismo e a participação de comunidades quilombolas no setor, tal qual como essas atividades turísticas socioculturais se interseccionam no desenvolvimento econômico e pedagógico da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. Territórios de quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás - patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado - DOI 10.5216/ag.v4i1.16682. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 36–63, 2011.

ARAÚJO, de Oliveira, N. (2021). Turismo diaspórico, teste de DNA e cozinhas: experiência gastronômica de consumidores de uma agência de turismo afrocentrada. **Ágora**, 23(1), 99-114. <https://doi.org/10.17058/agora.v23i1.15951>

BRASIL. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf. Acesso: 15/04/2024.

BRASIL, Embratur. **De arrepiar! Veja como o turismo de base comunitária transformou um quilombo Kalunga**. Youtube, 2024. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=JP4jCqOldMo>. Acesso: 15/04/2024.

CABANILLA Vásconez, E. (2018). Turismo comunitario en América Latina, un concepto en construcción. **Siembra**, 5(1), 121–131.

CARMO, Aline Cristina Oliveira do. Quilombo como um conceito em movimento ou quilombismo e ubuntu: Práticas ancestrais africanas para repensar práticas pedagógicas e de justiça. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**. V. 11. n. 2 (2020).

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. O turismo comunitário no nordeste brasileiro. **V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo** - Belo Horizonte, 2008.

GALVÃO, Jucilene. **O processo de planejamento do turismo de natureza: reflexões sobre a construção da política municipal de desenvolvimento sustentável do turismo de Brotas**. 2004. 107 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GOIÁS. **Lei Complementar do Estado de Goiás** nº 19, de 05 de janeiro de 1996. Goiânia: Governo do Estado de Goiás, 1996. Disponível em: <https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/101027/pdf>. Acesso em 15/04/2024.

MARTINS, Patrícia Cristina; SILVA, Charlei Aparecido da. Turismo de Natureza ou na Natureza ou Ecoturismo? Reflexões e contribuições sobre um tema em constante debate. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 3, p. 487–505, 2019.

MENDONÇA, T.C.M.; Santos, R.O.; Lopes, P.C.B.; Andrade, S.R.; Moraes, A.P.V. Turismo de base comunitária na Costa Verde (RJ): caixaras, quilombolas e indígenas. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.10, n.2, mai/jul 2017, pp.328-356.

MOREIRA, J.F.R.; Almeida, M.G. O lugar Kalunga como lugar turístico: um olhar sobre o turismo rural no Engenho II em Cavalcante (GO). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.6, n.3, ago/out-2013, pp.708-721.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

NEGREIROS, Regina Coeli Araújo Trindade. Ubuntu: Considerações acerca de uma filosofia africana. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v.10, n.2, 2019.

PARAVATI, L. C. (2017). Aspectos comunicativos e culturais nos hábitos culinários caixara da comunidade quilombola da Fazenda Picinguaba, de Ubatuba – SP || Communicative Aspects and Cultural Habits in Culinary Caixara Quilombola the Farm Picinguaba Community of Ubatuba - SP. **Razón Y Palabra**, 20(3_94), 280–298.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Turismo Afrocentrado: debates iniciais. IN: MELLO, Roger Goulart; FREITAS, Patrícia Gonçalves (Orgs.). **Novos olhares sobre turismo, patrimônio e cultura 1**. Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2020.

ORGAZ, Aguëra F. (2013). El turismo comunitario como herramienta para el desarrollo sostenible de destinos subdesarrollados. **Nómadas. Critical Journal of Social and Juridical Sciences**, 38(2), 79-91.

RODRIGUES, Denise dos Santos. **Cidade em Preto e Branco**: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2021.